

MARIA

ESTELA, que ficou curada de um câncer de pele. Ela descobriu a doença depois de ser alertada por uma campanha preventiva e fazer exame no Hospital Antônio Pedro, em Niterói



SUS, uma virada marcante na saúde

Universalização dos serviços no Brasil só começou a tomar corpo nos últimos anos

RIO e SÃO PAULO

A política traçada na Constituição de 1988 de descentralização e universalização dos serviços de saúde no Brasil só começou a tomar corpo nos últimos anos, com a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS). Considerado exemplar diante de outros países, o modelo provocou a grande virada da década para os brasileiros, na avaliação de especialistas em saúde pública: todos os cidadãos passaram a ter os mesmos direitos de acesso à rede.

Para José Carlos Seixas, professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), o fim da tríade "indigentes, dependentes do Inamps e ricos" acabou com a caridade pública:

— Antes, os governos até ofereciam vacina, puericultura e acompanhamento para os

chamados indigentes, mas só no sentido de proteger os ricos das doenças. Hoje, ainda que nem todos tenham o acesso adequado, a melhoria vem acontecendo gradativamente.

Recursos ainda são insuficientes

• Segundo o Ministério da Saúde, só em 2000, cerca de 395 milhões de consultas foram feitas pelo SUS, uma média de 2,26 atendimentos por habitante. Mas entre 1996 e 2000, houve queda no número de leitos hospitalares por cada mil habitantes de 3,18 para 2,87. O presidente da Fiocruz, Paulo Buss, elogia o modelo do SUS, mas acha que o sistema ainda requer ajustes para dar conta de todas as suas atribuições:

— A sociedade evolui e as exigências aumentam. O SUS é exemplar na descentralização,

mas os recursos ainda são insuficientes. Apesar do volume crescente de recursos, não temos mais do que R\$ 0,75 por pessoa para o sistema de saúde fazer tudo. É preciso aplicar recursos na promoção da saúde e na atenção básica. O que não quer dizer que não precisa ter hospital de boa qualidade.

Apesar de o número de médicos para cada mil habitantes ter subido apenas de 1,35 para 1,95 entre 1997 e 2000, Buss defende o investimento na qualificação de agentes de saúde:

— Precisamos de equipes de saúde, mais do que de um

profissional. O que um agente comunitário pode fazer não substitui o médico, mas é estupendo. O importante é melhorar a qualidade do trabalho deles, que gera empregos.

Para o diretor do Instituto do Câncer (Inca), Jacob Kligerman, o SUS facilita a prática de uma política nacional de prevenção:

— Para se fazer prevenção adequadamente só há uma saída: o fortalecimento do SUS. A coordenação central é intensiva, mas a ação é local, dos municípios e dos estados. (Alexandre Rodrigues e Soraya Aggege)

“Para se fazer prevenção adequadamente só há uma saída: o fortalecimento do Sistema Único de Saúde”

JACOB KLIGERMAN, diretor do Instituto do Câncer (Inca)